

Meu Precioso Amigo,

UNIVERSIDADE DE EVORA

Arquivo FCS

01.320.03

Porto

27 fevereiro 1902

Acabo de receber a sua emocionante resposta e, sem forma de controlar o ímpeto de dialogar consigo, escrevi-lhe com um incontrolado agradecimento e toda a felicidade que a sua saúde espiritual me oferece.

Ao enviar-me novidades sobre a sua Arte, veio ao encontro da minha profunda convicção. Sendo eu um homem de significativa cultura e não insignificante bom-gosto, apressei-me a assegurar-lhe que coloco o seu belo nome à cabeça de uma escada aflorada no coração, entre as mais gratas emoções, antes ainda de Jilão, Pomaç ou ... Resende. Aliás, é uma enumeração perfeitamente tola e que desejo passe a constituir registo entusiástico, pois é bem fácil ignorar o quanto a ignorância torna mesquinha a nossa crítica de Arte.

Bem fez o meu Amigo em nada comentar acerca dos meus textos... no entanto, nada tenho para lhe oferecer a título de tanta amabilidade.

Nada mais posso dizer-lhe, à excepção dos votos sinceros de que nos faça companhia durante muitos e felizes anos. Saiba que tem aqui, mais do que um admirador, um Amigo.

Intimamente seu,

J. Correia da Silva

27 February 1972

[illegible]

1. *de conclusão*
 2. *de defesa*
 3. *de ataque*
 4. *de conclusão*
 5. *de defesa*
 6. *de ataque*
 7. *de conclusão*
 8. *de defesa*
 9. *de ataque*
 10. *de conclusão*
 11. *de defesa*
 12. *de ataque*
 13. *de conclusão*
 14. *de defesa*
 15. *de ataque*
 16. *de conclusão*
 17. *de defesa*
 18. *de ataque*
 19. *de conclusão*
 20. *de defesa*
 21. *de ataque*
 22. *de conclusão*
 23. *de defesa*
 24. *de ataque*
 25. *de conclusão*
 26. *de defesa*
 27. *de ataque*
 28. *de conclusão*
 29. *de defesa*
 30. *de ataque*
 31. *de conclusão*
 32. *de defesa*
 33. *de ataque*
 34. *de conclusão*
 35. *de defesa*
 36. *de ataque*
 37. *de conclusão*
 38. *de defesa*
 39. *de ataque*
 40. *de conclusão*
 41. *de defesa*
 42. *de ataque*
 43. *de conclusão*
 44. *de defesa*
 45. *de ataque*
 46. *de conclusão*
 47. *de defesa*
 48. *de ataque*
 49. *de conclusão*
 50. *de defesa*
 51. *de ataque*
 52. *de conclusão*
 53. *de defesa*
 54. *de ataque*
 55. *de conclusão*
 56. *de defesa*
 57. *de ataque*
 58. *de conclusão*
 59. *de defesa*
 60. *de ataque*
 61. *de conclusão*
 62. *de defesa*
 63. *de ataque*
 64. *de conclusão*
 65. *de defesa*
 66. *de ataque*
 67. *de conclusão*
 68. *de defesa*
 69. *de ataque*
 70. *de conclusão*
 71. *de defesa*
 72. *de ataque*
 73. *de conclusão*
 74. *de defesa*
 75. *de ataque*
 76. *de conclusão*
 77. *de defesa*
 78. *de ataque*
 79. *de conclusão*
 80. *de defesa*
 81. *de ataque*
 82. *de conclusão*
 83. *de defesa*
 84. *de ataque*
 85. *de conclusão*
 86. *de defesa*
 87. *de ataque*
 88. *de conclusão*
 89. *de defesa*
 90. *de ataque*
 91. *de conclusão*
 92. *de defesa*
 93. *de ataque*
 94. *de conclusão*
 95. *de defesa*
 96. *de ataque*
 97. *de conclusão*
 98. *de defesa*
 99. *de ataque*
 100. *de conclusão*

1. *Ammonia*
 2. *Ammonia*
 3. *Ammonia*
 4. *Ammonia*
 5. *Ammonia*
 6. *Ammonia*
 7. *Ammonia*
 8. *Ammonia*
 9. *Ammonia*
 10. *Ammonia*
 11. *Ammonia*
 12. *Ammonia*
 13. *Ammonia*
 14. *Ammonia*
 15. *Ammonia*
 16. *Ammonia*
 17. *Ammonia*
 18. *Ammonia*
 19. *Ammonia*
 20. *Ammonia*
 21. *Ammonia*
 22. *Ammonia*
 23. *Ammonia*
 24. *Ammonia*
 25. *Ammonia*
 26. *Ammonia*
 27. *Ammonia*
 28. *Ammonia*
 29. *Ammonia*
 30. *Ammonia*
 31. *Ammonia*
 32. *Ammonia*
 33. *Ammonia*
 34. *Ammonia*
 35. *Ammonia*
 36. *Ammonia*
 37. *Ammonia*
 38. *Ammonia*
 39. *Ammonia*
 40. *Ammonia*
 41. *Ammonia*
 42. *Ammonia*
 43. *Ammonia*
 44. *Ammonia*
 45. *Ammonia*
 46. *Ammonia*
 47. *Ammonia*
 48. *Ammonia*
 49. *Ammonia*
 50. *Ammonia*
 51. *Ammonia*
 52. *Ammonia*
 53. *Ammonia*
 54. *Ammonia*
 55. *Ammonia*
 56. *Ammonia*
 57. *Ammonia*
 58. *Ammonia*
 59. *Ammonia*
 60. *Ammonia*
 61. *Ammonia*
 62. *Ammonia*
 63. *Ammonia*
 64. *Ammonia*
 65. *Ammonia*
 66. *Ammonia*
 67. *Ammonia*
 68. *Ammonia*
 69. *Ammonia*
 70. *Ammonia*
 71. *Ammonia*
 72. *Ammonia*
 73. *Ammonia*
 74. *Ammonia*
 75. *Ammonia*
 76. *Ammonia*
 77. *Ammonia*
 78. *Ammonia*
 79. *Ammonia*
 80. *Ammonia*
 81. *Ammonia*
 82. *Ammonia*
 83. *Ammonia*
 84. *Ammonia*
 85. *Ammonia*
 86. *Ammonia*
 87. *Ammonia*
 88. *Ammonia*
 89. *Ammonia*
 90. *Ammonia*
 91. *Ammonia*
 92. *Ammonia*
 93. *Ammonia*
 94. *Ammonia*
 95. *Ammonia*
 96. *Ammonia*
 97. *Ammonia*
 98. *Ammonia*
 99. *Ammonia*
 100. *Ammonia*

[illegible]

UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo 708

010320.03

12 Sonetos

Por

CHEMANVL C. HESSE

COMPILAÇÃO REALIZADA
EM
3 de Janeiro de 2007.

01.320.03

Fonte de Flores

Ser fonte e onguento para sede tamanha
ou sono sempre erecto dulcíssima evasão
o vício do prazer que tão tenaz apanha
a quem condescender à lei da sedução

Imagino-te agora a acender uma estrela
entre os filhos do tédio e da escravidão
estás entre as alturas da paixão ainda bela
tanto quanto permita ignorar a razão

O reflexo astral deste duplice encanto
revela inexorável que a ambos delícia
aquilo que isola os amantes num canto

Entre flores tão rubras como a que vicia;
depois do sêmen do suor e até ao desencanto
gerou-se um novo éden que a náusea esquecia

06-06-99

FRAGUEZAS

Se deixei de amar ó ilusão cruel
 porque consinto sofrer toda a dor tra
 continuamente a remendar com palavras de mel
 as feridas da despedida ainda crua

Porque procuro suavizar a indiferença
 do teu cruel e insultoso afastamento
 cobardia de nem reconhecer na experiência
 continuadas feridas de amor sem alimento

Jois ou três momentos livre da saudade
 ou das lágrimas amargas de vergonha;
 por mais dejesas que engas a ansiedade

Sou incapaz dessa altivez igual firmeza
 tal é a triste sina de quem sonha
 e consagrou ao amor toda a fraqueza

SACRILEGÍO

Sabe da ânsia com que tacteis o ar
imaginando o amor que já não dás
Lágrimas depois são beijos a secar
O sol da aridez contra o sonho incapaz

Recordarás aquela ternura luminosa
que a ambos inundava a um só golpe do olhar
Como só sobrou o espinho da rosa
Saudade que amaldiçoa o nosso despertar

Renderemo-nos por fim a leis cruéis e cegas
das trevas defensoras insensíveis à luz
cedeste à servidão e o amor que hoje negas

Por muito que o queiramos silenciar
faz dos amantes sombras numa cruz
pregados à ilusão de além ressuscitar

ORAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LORRA
Arquivo

ICS

01.320.03

Fechados mais caminhos do que estrelas
expansivo vazio descontrolado o norte
justiça e perfeição ao esquecê-las
im põe-se o subtil bafo da morte

Através do medo consporea o devaneio
que concedia fuga à realidade crua
e promete total conforto no seu seio
já depois do amor ser presa sua

Tão fácil é morrer que nem me reconheço
nesta inglória luta de nítida fragreza
como ainda na vida haja algo em apreço

Qualquer nesga de luz migalha de grandeza
já nem creio na poesia em silêncio submerso
que credo ignorado em meu sangue ainda reza?

13-10-2000

01.320.03

Nó

Vai-se a metáfora quase impraticável
vencidos que vivemos pobres/sonhos
exige-se a palavra ruda inflacável
geração dos crimes mais medonhos

Tornou-se tão difícil a poesia
como a livre aritmética do não ter;
ou se estende a mão dia após dia
ou se afaga a arma do estrelecer

Contra o medo prolongado ou a gaguez
convém susto brutal e inesperado
a destravar o nó que ali se fez;

Guerrilheiro ou poeta desarmado
o grito que interessava ao povo português
ceder à disciplina do soldado

24-04-99

A BÊNÇÃO da MORTE

01.320.03

^{ou}
(A MORTE dos Pobres)

A imaginação escapa-se entre os dedos
se outros dias felizes me esforcço a ~~prever~~
como possível fosse ~~erguer-me~~ desses medos
que secaram na alma a linfa do ~~querer~~

E escrever assim mais que não seja
um relato simplório dos dias de abandono
ainda que humilde é força que se veja
a luta que nos enge da redução do sono

Quase ~~exaustivo~~ adormecimento dos sentidos
a narcose ideal suicídio intermitente
aspiração dos pobres de si próprios despidos

Até que a morte venha e abraça docemente
sua desesperança todos os sonhos traídos
e instale o vazio sem dor omnipresente

14-10-2000

ÁUSTRIA 2000

A indignação que suscita o nazismo
os milhões de inocentes chacinados
é sintoma real de outro humanismo
hino fraternal em prol dos humilhados?

Uma farda e armas ainda geram cegueira
perante o sofrimento a exclusão a dor
aonde em compaixão uma nova bandeira
adversa à crueldade hasteada em amor?

Veja-se este polícia ainda ontem irmão
como se fez da força escravo e garantia
ninguém se espante de o ver morder a mão

De quem já o amor à luz de outro dia;
a prepotência já lhe secou o coração
e assegura continuidade à tirania

13-02-2000

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	FD

01.320.03

De Joelhos

Poluição tornou-se um estado d'alma
 que fácil ascender à máscara dos críveis
 a contínua agressão tão falsa calma
 faz-nos ferra adversa a comunhão ou leis

Impõe-se o clamor da luta voz do crime
 desviado contra a corrente ou sobre a margem
 a degradação global a tudo imprime
 impulsos pervertidos numa feroz voragem

Ave longe a serenidade dos certos valores
 somente invocados nas súplicas dos velhos
 ser-se fiel honesto constante nos amores

A lógica anacrônica de seus cegos conselhos
 qual Sade sobre a merda a desfolhar flores
 fracos para enguer do chão rente os joelhos

29-03-2001

Vulcão

01.320.03

Quando do silêncio irrompe magnética
 erupção de seiva trepidante impaciência
 acção a erguer a voz de sempre enigmática
 de sempre do arrepio de cálculos ciência

Poderia a montanha negar-se à explosiva
 torrente de lava que lhe consome a faz
 ou ao invés de vítima torturada passiva
 só a si própria deve o inferno que a desfaz?

Inconformada acorda do sono secular
 embusão de inquietude seja prémio ou castigo
 que mais perto dos céus anseia por chegar

Como hino que fosse um sonho seu antigo
 entrega-se à ilusão que a faz transbordar
 não fogo mas o amor que arderá consigo

25-08-2001

SACERDÓCIO

I 01.320.03

Saber preservar a esperança
na busca extenuada seguiu-se
cântico de silêncio que afiança
a crêcia perfeição da rosa

Tantos séculos de glória despojados
anos e anos de treva e abandono
elos num só desejo irmanados
- VENCER em ouro imperfeição e sono

Incançavelmente lúcidos alerta
contrariando o império dos sentidos
sendo a verdade oblíqua e incerta

Amanhã e já nos tempos idos
abnegados conservam sempre aberta
uma via de fuga aos derruídos

31-01-2000

SACERDÓCIO II

Sabem também adivinhar o nada
sob os brilhos da posse e do prazer
e assim conservam a alma devotada
aos mais lídimos anseios do viver

Pois é entre o chão e o infinito céu
numa sorte de limbo inacessível
que o fruto sempre querido prometeu
alimentar a fibra impercível

E em rituais de amor dádiva pura
procuram o mais cabal despojamento;
que só ao perder tudo se assegura

Este desenfreado entendimento
daquilo que é ou foi ou que perdura
à mercê e além do sentimento

31-01-2000

SACERDÓCIO III

01.320.03

B

E se acaso a morte se insinua
nas múltiplas cambiantes do momento
o mais certo é esperar que volte nua
a alma exposta ao superior tormento

Lamenta-se entre sombras a aurora
antevendo mais outro dia sem paixão
o mal pior é não morrer agora
que se contrai pungente o coração

De pouco serve renunciar à verdade
a quem não sente mas enaltece a vida
e rumina o veneno vão da falsidade

Nem isso salvará a hora derruida
invocar sem o crer a eternidade
numa ânsia de carícia a despedida

04-02-2000

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo	FCS 14

01.370.03

ÍNDICE

- 1 - Fonte de Flores
- 2 - Fraquezas
- 3 - Sacrilegio
- 4 - Oração
- 5 - Nô
- 6 - A BÊNÇÃO da MORTE (ou A MORTE dos Pobres)
- 7 - Áustria 2000
- 8 - De Joelhos
- 9 - Vulcão
- 10 - SACERDÓCIO
- 11 - "
- 12 - "